**Culpabilização ou um pedido de ajuda? Uma análise das**

**postagens do Facebook do Ministério da Saúde acerca do Aedes aegypti**

Gabriely Florêncio Santos Lima 1

Ana Valéria Machado Mendonça 1

Mariella Silva de Oliveira-Costa 1

1 Departamento de Saúde Coletiva, Universidade de Brasília

**RESUMO:** A pesquisa analisa as postagens do Facebook do Ministério da Saúde, durante o ano de 2016. Além do tema dos posts, foram identificadas a presença ou ausência de imagem, e se há responsabilização da população ou um convite do governo para ajudar a acabar com o mosquito Aedes Aegypti. Também foi notado a interatividade do Ministério com a população, principalmente com as orientações diante as ações de combate a Dengue.

**Palavras chaves:** *Aedes aegypti*, Dengue, Mosquito. Comunicação em saúde. Redes sociais.

**INTRODUÇÃO**

Devido ao crescimento de pessoas contaminadas em todo território brasileiro, a dengue é uma das maiores preocupações da saúde pública. No Brasil, os primeiros casos de dengue foram registrados no século XIX, em Curitiba (PR) e no início do século XX, em Niterói (RJ). No início do século XX, o mosquito *Aedes Egypti* já era um problema, mas não por conta da Dengue e sim pela Febre Amarela. Foram tomadas providências, porém ao longo do tempo com a erradicação da Febre Amarela as medidas de controle foram descuidadas, com consequência o vetor retorna ao Brasil.

A dengue é uma doença febril transmitida entre as pessoas pela picada do mosquito *Aedes Aegypti* e de acordo com o Boletim Epidemiológico (2018, volume 49 n° 44) relata que a dengue, febre de chikungunya e doença aguda pelo vírus Zika são doenças de notificação compulsória, e estão presentes na Lista Nacional de Notificação Compulsória de Doenças, Agravos e Eventos de Saúde Pública, unificada pela Portaria de Consolidação nº 4, de 28 de setembro de 2017, do Ministério da Saúde.

Entre os fatores associados à emergência da dengue nas Américas estão o acelerado crescimento e urbanização populacional, associado à insuficiência no controle do vetor e ao aumento do trânsito de pessoas entre os países. A urbanização, rápida e desordenada, associada a uma distribuição desequilibrada dos níveis de renda, conduz a uma proporção cada vez maior de pessoas vivendo em áreas onde o abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de lixo são precários ou inexistentes. Como a água é indispensável à sobrevivência, a população que habita esses locais vê-se obrigada a armazenar água em depósitos domésticos, que servem como criadouros do vetor. (BARRETO; COELHO; GARCIA, 2004).

O desenvolvimento de pesquisas sobre epidemias e surtos de doenças é uma necessidade para promover a evolução da sociedade. Esses estudos auxiliam as tomadas de decisão dos governos, possibilitando que sejam elaboradas políticas públicas de qualidade.

No caso das epidemias de dengue, as políticas públicas precisam desenvolver ações mais eficazes, visto que o número de pessoas contagiadas com a doença diminuiu consideravelmente, porém ainda é um número preocupante. Segundo o Boletim Epidemiológico volume 47, nº 38 - 2016, no período do dia 3/1/2016 a 10/12/2016, foram registrados 1.487.924 casos prováveis de dengue no país, com uma incidência de 727,6 casos/100 mil hab. Já no Boletim Epidemiológico volume 49 (Out. 2018) nº 43 publicado pelo Ministério da Saúde nos anos de 2017 e 2018, no intervalo do dia 31/12/2017 a 13/10/2018, foram registrados 215.585 casos prováveis de dengue no país, com uma incidência de 103,8 casos/100 mil hab. destes 138.509 (64,2%) casos foram confirmados.

Dentre as possíveis ferramentas que o Ministério da Saúde tem para alertar e orientar a população, a ferramenta utilizada neste estudo será o *Facebook*. Vale acentuar que as redes sociais vieram para facilitar o compartilhamento de mensagens entre diversos usuários do mundo inteiro. O *Facebook* está entre uma das redes sociais mais acessadas no mundo, contendo mais de 130 milhões de usuários e perfis ativos, o Brasil ficou em 3º lugar no ranking mundial de usuários (We Are Social, 2018). Em 2008, foi inserido o idioma Português na rede social, fazendo com que usuários brasileiros tivessem acesso ao *Facebook*.

Estamos na era das comunicações e da tecnologia, vivemos cercados por eles. O uso da Internet está constante na vida da população mundial, e com isso, o uso de redes sociais. Também há de salientar que com o crescimento das redes sociais apareceram novas formas de acesso, novos dispositivos (*smartphones* e *tablets*), que tornam mais fácil, mais frequente e de qualquer lugar, o acesso a essas redes sociais (The Cocktail Analysis, 2012).

A página do Ministério da Saúde no *Facebook* foi criada no dia 1 de janeiro de 2008, com a missão de qualificar o Sistema Único de Saúde (SUS) por meio do diálogo com a população. Contém 2.139.724 curtidas na página, ou seja, usuários que selecionaram a opção “curtir”. Quando um indivíduo curte uma página no *Facebook*, ele automaticamente escolhe seguir a página. Isso significa que suas postagens serão vistas em seus *feeds*.

De acordo com o estudo *Redes sociales en prevención y promoción de la salud. Una revisión de la actualidad* (JIMÉNEZ, 2014), a saúde está cada vez mais presente no mundo da Internet, facilitando assim o acesso a conhecimentos e experiências, compartilhados em diferentes redes sociais.

Uma das grandes utilidades das redes sociais como meio de contato entre usuários com diferentes idades, ideias, crenças e culturas, onde compartilham suas experiências, sentimentos e encontram apoio em pessoas que partilham das mesmas ideias, além de realizar uma comunicação ágil e rápida. Em contrapartida, nem todas as informações fornecidas na Internet são cem por cento verdadeiras e corretas, há tanta informação que é difícil eliminar o errado.

* Objetivo geral

Analisar o discurso do Ministério da Saúde disponível no *Facebook* com o foco na população, se é um discurso convidando os cidadãos a ajudar no combate ou se é utilizado o discurso no imperativo, do período de janeiro de 2016 a dezembro do mesmo ano, em todos os *posts* sobre dengue.

* Objetivo específico

Pretende- se com esse trabalho analisar se o Ministério da Saúde culpabiliza ou não a população pela doença, através do discurso usado nos *posts* do ano de 2016, considerando também os comentários dos internautas.

* Perguntas de pesquisa

1. Qual discurso o Ministério da Saúde fala sobre a dengue?
2. Será que o Ministério da Saúde culpabiliza a população pela dengue?

**METODOLOGIA**

O corpus de análise foi constituído pelos posts publicados pelo Ministério em sua página do *Facebook* e os comentários vinculados aos posts, no intuito de verificar o grau de interação do Ministério após a publicação dos posts.

A coleta dos dados foi realizada através da aplicação Netvizz, disponível no próprio *Facebook*, de forma gratuita, com apoio dos *softwares* Gephi e Microsoft Excel, permitindo o filtro apenas dos *posts* com menção direta à arbovirose. A partir dos dados nele extraídos, foi realizada a coleta de dados das demais variáveis a serem analisadas pelo projeto, a saber: nome da doença, data do *post*, quantidade de curtidas e reações, quantidade de compartilhamentos, tema do *post*, presença/ausência do SUS, foco do *post* e comentário com maior relevância.

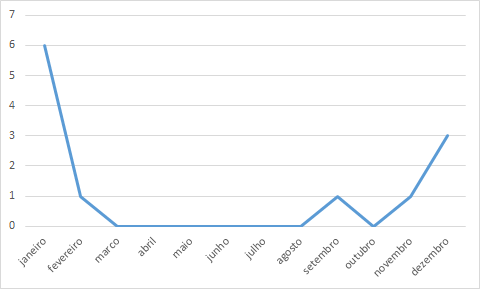
Após a coleta dos dados e realização dos filtros necessários, foram produzidos dados quantitativos e comparativos, incluindo o número total de *posts* por mês de publicação, número total de interações por mês e de respostas do Ministério da Saúde. Além da análise do número de *posts* e comentários, foi realizada uma análise do conteúdo dos *posts* e comentários, com a apoio das aplicações Tagcrowd e Tagul, ambas disponíveis *online*.

Em seguida foi analisado o discurso, que se dá pelo uso de palavras chaves, tais como: “você”, “sua casa”, subentendendo que o foco é na população. Também verificando se o *post* utiliza uma linguagem que chama a população para ajudar no combate a Dengue, fazendo um convite ou se é utilizado verbos no imperativo pressupondo que seja uma “ordem”.

Ao todo, 12 posts foram analisados, sendo posts que falavam exclusivamente da dengue. No total, foram 3.691 curtidas, 220 comentários, 2.614 compartilhamentos. Das reações, 25 foram “love”, 5 “wow”, 42 “haha”, 1 “sad”, 1 “angry” e nenhuma “thankful” que foi utilizado no dia das mães. A quantidade encontrada de reações são poucas pelo fato do aplicativo ter atualizado essa nova ferramenta em meados de fevereiro de 2016, sendo assim, os internautas estavam ainda testando a novidade.

* Descrição de resultados

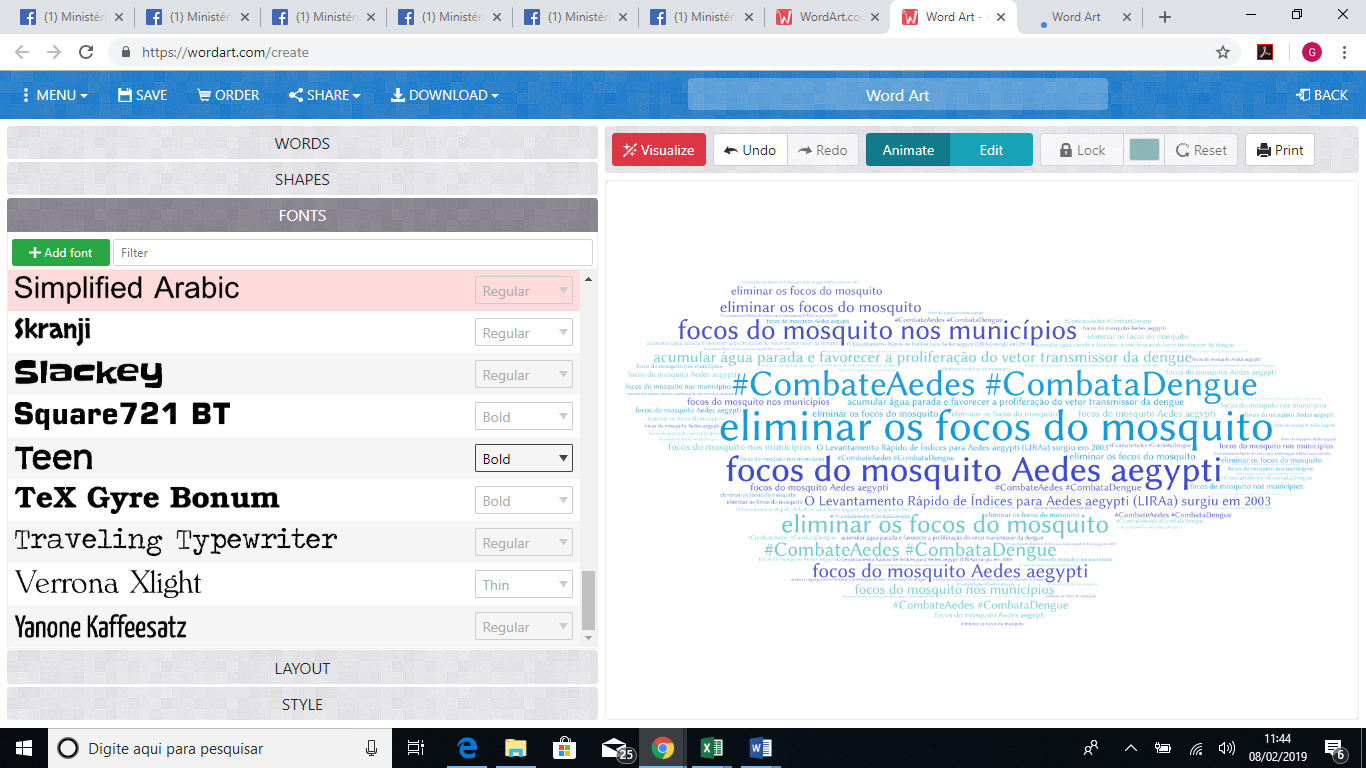
A partir da atividade de coleta, foram identificados 12 *posts* sobre a dengue publicados pelo Ministério da Saúde ao longo do período analisado (2016). De 12 *posts*, 6 são focados no governo, tendo como característica o texto do *post* falando sobre projetos, focando em atitudes que o governo participa. Os outros 6 *posts* dão o foco na população, em tomar alguma atitude, dicas de como evitar a proliferação de ovos do mosquito *Aedes Egypit*, como por exemplo, não deixar acumular água nos vasos das plantas. O gráfico I apresenta a distribuição dos posts no tempo. Entre os meses de maior destaque, janeiro de 2016 apresenta o momento de pico das discussões e informações sobre a dengue. Destacam-se os temas de prevenção e recomendações de como combater o mosquito *Aedes Aegypti*.



**Gráfico 1** Distribuição dos posts nos meses de 2016

Fonte: Autoria própria

Analisando as principais palavras-chave apresentadas nos posts, foi feita uma nuvem de palavras, apresentada na figura I. O combate ao mosquito e aos focos da dengue foram os destaques juntamente com as *hashtags* apresentadas na maioria dos posts, sendo elas apresentadas em 7 posts de 12. Não foram identificadas palavras que estivessem fora do contexto do tema analisado.

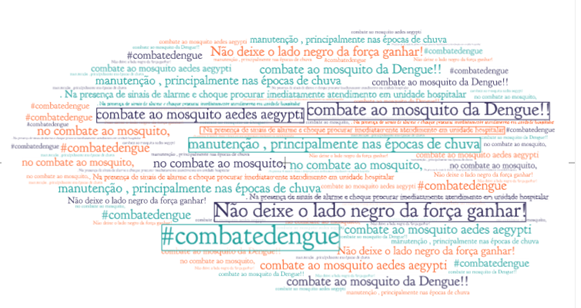
**Figura 1** Nuvem de palavras referentes aos posts do *Facebook* na página do MS.

Fonte: Autoria própria

O uso do termo combate, que remete às estratégias campanhistas do combate às doenças infecciosas, se repete neste estudo, sendo o termo com maior número de ocorrências a hashtag #combateaedes. Observa-se também o aparecimento das palavras zica e chicungunya, doenças transmitidas pelo mesmo vetor, o mosquito *Aedes Aegypti.*

Partindo para a análise dos comentários vinculados com os *posts*, observa-se que houve interação do Ministério da Saúde com a população. No total, foram 53 respostas da instituição com o público, demonstrando uma postura aparentemente aberta a interação, embora a estratégia de aproximação através do uso de termos e expressões como “olá”, “bom dia” “obrigada pela participação” há um distanciamento identificado pelo uso de uma resposta padrão e repetido para vários usuários do aplicativo mesmo que exponham dúvidas diferentes.

Na análise da nuvem de palavras vinculadas aos comentários, o resultado é bem semelhante ao encontrado na análise de dos *posts*, como é demonstrado na figura 1, exceto a frase “Não deixe o lado negro da força vencer.”, que se refere ao mosquito de uma forma pejorativa, fazendo quase um discurso de ódio. Algumas palavras parecem buscar aproximação com os internautas, como o “olá”, utilizado para iniciar a maioria das respostas dadas pelo Ministério, que personaliza a resposta incluindo o nome do usuário. Observou-se também o uso da palavra “não” com frequência, para orientações como “não acumular lixo” “não deixe água parada”, etc.



**Figura 2** Nuvem de palavras referente às respostas do MS

Em um dos posts publicados na página do Ministério da Saúde, foi avaliada a atitude do governo chamando a população para poder ajudar na prevenção dos focos de dengue, como por exemplo, o acúmulo de água nos pneus em época de chuva. Analisando os comentários da população, foi visto uma indignação de uma usuária da rede social, ironizando o *post* com o seguinte comentário: “Acabou a olimpíada né ?! Agora vamos falar de Zika, pq até então achei que os mosquitos estavam de férias durante os jogo .Agora pode ...”, chamando a atenção e pedindo medidas para combater o foco e consequentemente a dengue.

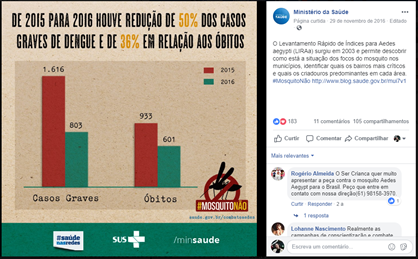
O post do jogo dos 7 erros (Figura 3), houve uma repercussão considerável tanto em comentários, compartilhamentos e *likes*. Entre os internautas que se posicionam no *post*, um deles faz um comentário culpabilizando a “pessoa” que mora na casa onde está sendo feito de exemplo o jogo, com o argumento de que a vigilância sanitária e o governo estão fazendo sua parte mas o cidadão não está colaborando pois deixou a casa “largada”.



Figura 3: Imagem do jogo dos 7 erros retirada da página do *Facebook* no ano de 2016.

Fonte: Facebook.com

De forma geral, os posts apresentam o Ministério da Saúde como educador no assunto. Observa-se a utilização de uma linguagem biomédica como em “relação à óbito" (figura 4). Além disso, nota-se o convite constante para o combate contra o mosquito (figura 4 e 5). A utilização de figuras e imagens como recurso de entendimento também é nítido ao longo da análise, especialmente entre os *posts* com maior interação dos internautas. Nota-se que os *posts* com mais interações apresentavam imagens com uma espécie de resumo da mensagem principal retratada no *post*.

Figura 3: Cópia do *post* com a linguagem biomédica. 

Fonte: Facebook.com

Figura 4: Cópia da imagem do *post* da página do MS.

****

Fonte: Facebook.com

Figura 5: Cópia da imagem do *post* da página do MS.



1. Fonte: Facebook.com

**Considerações Finais**

Com base na análise dos dados, é possível concluir que o Ministério da Saúde atuou ativamente ao longo da emergência de saúde da Dengue. A instituição assumiu uma posição de autoridade no assunto, divulgando informações oficiais diariamente, destacando o mês de Janeiro/2016. Diante as estratégias tradicionais de combate às doenças, o Ministério se apresentou como “chefe” na guerra contra o mosquito Aedes Aegypti, destacando na página do órgão orientações de como agir e como combater. Observou se uma significativa abertura com a população, tendo um número de respostas aos comentários dos internautas.

O presente estudo, sinaliza que os internautas percebem que a problemática da dengue está associada a diversos fatores incluindo a participação da comunidade. Contudo, embora alcançar a consciência da comunidade de sua própria responsabilidade seja um dos enfoques para a promoção da saúde (Pereira V, Guareschi P. 2014), corre-se o risco de que a ênfase da promoção recaia na responsabilização da população, em prejuízo de medidas que modifiquem as condições socioambientais favoráveis à reprodução do mosquito. De sua parte, a população reconhece seu nível de responsabilidade pelo controle vetorial e, frequentemente, atuam, de certo modo, reproduzindo a lógica da culpabilização, quando responsabilizam o “outro”, em geral, o vizinho, pelas dificuldades enfrentadas do controle. De acordo com os autores Rodrigues EMS, Dal-Fabbro AL, 1998, já haviam demonstrado que a participação comunitária tem um papel relevante no controle vetorial. Seu estudo relata que atividades de combate às larvas de *A. aegypti*, baseadas em participação popular, levam a mudanças comportamentais da comunidade em relação ao cuidado com criadouros potenciais. Quando existe uma atuação conjunta entre população e instituições no planejamento de atividades educativas para controle e prevenção da dengue, os méritos são indiscutíveis. O êxito na implantação de uma nova proposta de combate a dengue por meio da participação dos moradores na identificação de problemas no bairro e na elaboração das propostas de solução, com resposta satisfatória dos serviços públicos (França E, de Paula JC, Silva RR, Anunciação LR, 2002). A promoção da saúde requer que a produção de conhecimento e das práticas se faça por meio da construção de saberes e da gestão compartilhada por meio de mobilização e participação social.

Para que haja um melhor direcionamento das ações de mobilização social e educação em saúde, é necessário aproximar-se, de modo compreensivo, dos conhecimentos, atitudes e práticas da população em relação a dengue, pois o conhecimento prévio de como a população pensa e age é fundamental para estabelecer o diálogo e a sensibilização necessários ao processo educativo. Entre os desafios da educação em saúde, está a criação e o aperfeiçoamento de técnicas de intervenções regulares de qualificação dos agentes para práticas de educação e comunicação, focadas no diálogo e na sensibilização para lidar com a realidade cotidiana dos moradores; proporcionar-lhes maior participação dentro de um quadro atualizado de informações oficiais sobre as doenças, assim como inseri-los nas tomadas de decisões. (Souza VMM, Hoffmann JL, Freitas MM, Brant JL, Araújo WN. 2012)

Foi possível perceber que a melhor perspectiva para um controle vetorial de combate a dengue mais eficiente é o investimento em educação dialógica, com participação social, trazendo os indivíduos (moradores e agentes) como sujeitos do processo de construção de conhecimento. (Baglini V, Favaro EA, Ferreira AC. 2012).

Entretanto, há que se destacar que a educação em saúde não é a solução para todos os males da saúde pública, especialmente aqueles que decorrem das condições de infraestrutura das cidades e demanda sua melhoria.

**REFERÊNCIAS**

4ª Oleada Observatorio de Redes Sociales: Las marcas empiezan a encontrar límites (2012). En The Cocktail Analysis [onLine] Disponible: <http://tcanalysis.com/>

Revista Española de Comunicación en Salud. Redes sociales en prevención y promoción de la salud. Una revisión de la actualidad. Rev Esp Comun Salud. 2015; 6(1): 62-69

BARRETO, COELHO E GARCIA; Cad. Saúde Pública vol.20 no.6 Rio de Janeiro Nov./Dec. 2004 Prevenção e controle do dengue: uma revisão de estudos sobre conhecimentos, crenças e práticas da população.

Lista Nacional de Notificação Compulsória de Doenças, Agravos e Eventos de Saúde Pública, unificada pela Portaria de Consolidação nº 4, de 28 de setembro de 2017, do Ministério da Saúde.

COSTA, Isabela Gonçalves *et al.* Discursos juvenis sobre arboviroses produzidos via webrádio: dispositivos motivadores para o autocuidado de enfermagem. In: ENFERMAIO, 12., Fortaleza, 2018. **Anais…** Fortaleza: UECE, 2018. Disponível em: <http://uece.br/eventos/enfermaio/anais/trabalhos_completos/405-47706-20042018-192842.pdf>.

DAVID, Helena Maria Scherlowski Leal; MARTELETO, Regina Maria. Almanaque da Dengue: leituras e narrativas de agentes comunitários de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 65, n. 6, nov./dez. 2012, p. 909-915.

GOMIDE, Camila Sant’Anna *et al.* O Twitter como instrumento de detecção de epidemias de dengue e desenvolvimento de políticas públicas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 38., Rio de Janeiro, 2014. **Anais…** Rio de Janeiro: ANPAD, 2014. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_APB1234.pdf>.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>.

SOUSA, Nadja Maria Nascimento; DANTAS, Renílson Targino; LIMEIRA, Rodrigo Cézar. Influência de variáveis meteorológicas sobre a incidência do dengue, meningitee pneumônia em João Pessoa-PB. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v. 22, n. 2, p. 183-192, 2007.

TAUIL, Pedro Luiz. Urbanização e ecologia do dengue. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, supl., p. 99-102, 2001.

TODOR, Roberto *et al.* Desenvolvimento de conteúdos digitais educacionais no curso “Uso de redes sociais e estratégias de ciência e arte para a mobilização no controle do *Aedes”*. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS, 2., Araranguá, SC, 2018. Anais… Santa Catarina: UFSC, 2018.

VILLELA, Edlaine Faria de Moura; NATAL, Delsio. Encefalite no litoral paulista: a emergência da epidemia e a reação da mídia impressa. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 756-761, 2009. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/sausoc/v18n4/18.pdf>

We Are Social. Digital in 2018. Essential insights into internet, social media, mobile, and ecommerce use around the world. 2018.